

O PROFESSOR

Rudiger Dornbusch disse em entrevista à

Folha de S. Paulo, que o Plano Real corria o risco de evoluir para o populismo. Na mesma edição da *Folha*, o editorial lembrava que os economistas heterodoxos passaram toda a segunda metade dos anos 80 e início dos 90, dizendo que o déficit público não era responsável pela inflação. Que era um absurdo falar-se em excesso de demanda num país com economia estagnada.

Agora, são esses mesmos economistas que dizem que, sem a eliminação ou redução substancial do déficit público, a economia tem que ficar amarrada pelas restrições de crédito e de taxas de juros elevadas. Assim sendo, o crescimento econômico compatível com o equilíbrio externo e interno seria da ordem de 1,5% (prognóstico do IBGE para 1997) a 4% (previsão do Secretário de Política Econômica).

O IPEA implicitamente desmente esta última projeção, ao prever em 3,3% o crescimento acumulado em 12 meses até setembro. Como a incorporação do último trimestre introduzirá, na base de comparação, o período outubro/dezembro de 96, de elevado nível de atividade econômica, a tendência é de que a taxa do ano como um todo fique abaixo daqueles 3,3%. Isto, evidentemente, na medida em que a expansão econômica do último trimestre de 97 não seja excepcional, perspectiva incompatível com as

O PLANO REAL É POPULISTA?



preocupações já evidenciadas pelo Banco Central e Ministério da Fazenda, tanto com o aprofundamento do déficit do balanço de pagamentos, como com eventuais contrapressões inflacionárias.

Ou seja, ao lastrear a estabilização em um salto da taxa de consumo interno, descarregando o excesso de absorção no balanço de pagamentos, a economia ficou presa na armadilha do crescimento mediocre.

Até aí não se pode, propriamente, falar em populismo. Os economistas do Real sempre demonstraram saber disso, tanto que insistiram nas Reformas Administrativa e da Previdência, como meios de reduzir os gastos correntes do setor público, de modo a aumentar a sua taxa de poupança. Não hesitaram em executar o violento arrocho de crédito de 1995 e, até agora, vêm resistindo em afrouxar os controles, receosos das consequências de uma expansão exacerbada de consumo.

Mas isto é o mesmo que dizer que um Brasil que cresce entre 2 e 3% por ano tem problemas potenciais de excesso de demanda, e que o déficit público é importante. Onde fixa a heterodoxia?

Esta a contradição básica do Governo Fernando Henrique, e daí as suas dificuldades para impor austeridade de gastos fiscais, e disciplina financeira a estados e municípios.

A plataforma de lançamento do Real passou implicitamente a mensagem heterodoxa. Ninguém entendeu o alcance das notas de rodapé das falas Presidenciais, desde quando o presidente era ministro da Fazenda. Justamente ali é que se colocavam os "entretanto" e os "não obstante" do Plano.

Em resumo, o atual governo não recebeu um mandato para administrar sacrifícios com vistas a um futuro melhor. Ele foi eleito porque ofereceu, no presente, o futuro melhor, sem a necessidade dos esforços e dos sacrifícios intermediários, de que falavam os economistas ortodoxos, ou "monetaristas". Agora, é complicado explicar às pessoas que "não era bem assim".

Olhado, então, sob este ângulo, o Plano Real trouxe em seu DNA o gene do populismo. Como os períodos pré-eleitorais costumam criar as condições propícias à manifestação desse tipo de gene, o prof. Dornbusch pode ter razão.

CARLOS EDUARDO DE FREITAS